

Aprimoramento do Ensino Médico

presente ou ausente a História da Medicina?

Arary da Cruz Tiriba

A Enfermaria de Doenças Infecciosas e Parasitárias recebe estagiários — médicos recém-formados e estudantes dos últimos anos do curso — brasileiros, de Sul a Norte, assim como europeus. De aluna alemã registramos o empenho, o entusiasmo e, ao final, a gratidão ao despedir-se dos professores e dos colegas acadêmicos. Indagada se tivera aproveitamento, prontamente, afirmou que expandira sua visão por ter tido contato, aqui, com o leito, vivenciando experiência clínica, enquanto na universidade germânica o treinamento é concentrado no laboratório. Compreensível, sim, pois sua nação possui elevada qualidade de vida e os doentes devem requerer mais privacidade, ao passo que os nossos, do SUS, no hospital público, encaram sem restrição o atendimento que os alunos dos últimos anos curriculares e os residentes lhes proporcionam. Seria isso? Pelo menos, o que transparece, *se non è vero, è ben trovato*.

Ocorreu que, durante discussão sobre o paciente de tuberculose, deu para perceber o regozijo da futura médica ao ouvir sobre a história do seu compatriota, reconstituída com elegância pelo lusitano Fernando Namora. Tratou-se de Robert Koch (1843-1910), descobridor do *Mycobacterium tuberculosis*, autor dos “postulados de Koch”, produtor da tuberculina e descobridor, ademais, do vibrião colérico... O menino Koch achou entre os pertences paternos uma lupa. A descoberta, disputada entre os irmãos, levou-o a barganhá-la por sua coleção de selos. Passou, então, a estudar as formas exteriores e interiores de animaizinhos. Seu quarto foi transformado no refúgio indesejável para os parentes — cheirando a ratos, rãs e salamandras —, menos para a pequena Emy, horrorizada com os bichos, mas entusiasmada com as revelações. Quando no campo, deitada na relva, admirava com ternura o adolescente excêntrico e sonhador a recolher insetos. Até aí, Emy era fã incondicional!

Koch ingressou na Universidade de Göttingen, mas sua vocação para a pesquisa, mais forte na área das ciências naturais, levou-o a abandonar o exercício clínico. Pretendia ajudar os necessitados de outra forma, indagando e resolvendo sobre causas de doenças e meios de prevenção.

Emy casou-se com o homem que amara desde a infância, mas os hábitos do marido — contumaz habitante do laboratório — levaram-na ao isolamento, ao esfriamento do matrimônio; não a fizera companheira, não realizara a felicidade com que sonhara! Romance extinto! Divórcio!

Passa-se a outro episódio. Pasteur e Koch foram convidados pelo governo do Egito para estudar e controlar a epidemia da cólera que dizimava os descendentes dos coptas. Pasteur desdenhava dos tudesco — tratava-os por “hunos” —, recusou. Para elucidar a questão, bastariam seus assistentes, Thuillier e Roux... Assim, os dois franceses e o alemão empenharam-se nas investigações. Os gauleses chegaram a anunciar o descobrimento do agente da cólera, o que não passava de artefato microscópico! Koch, imperturbável, identificara o vibrião virulento. A essa altura, Thuillier contraíra cólera, estava à morte. Koch foi visitá-lo. Thuillier, ainda consciente, balbuciando, interrogou-o.

— Era?... o bacilo... da cólera?

Resposta de Koch.

— Sim, você o descobriu.

Koch depositou coroas sobre a sepultura... “*elas são muito simples, mas são de louros, como se dão aos bravos*”. Ciência acima das rivalidades entre pesquisadores!

Mais tarde, em pesquisas na Índia, extasiou-se pelo retrato, no cavalete, da rapariguinha fresca e loira, de olhos curiosos. A

modelo, Hedwig Freiburg, em matéria viva, viria desfazer a solidão do valoroso combatente como sua segunda esposa. Quando adoeceu, pediu para que o levassem aonde houvesse o essencial: a floresta intocável, o céu imenso. Morreu dias depois na Floresta Negra. A Ordem dos Médicos de Berlim inscreve na *Medalha Robert Koch*: “Das pequenas coisas do Mundo crias, tu, a tua grandeza”.

Cem anos depois, como reagiria, Koch, ao saber que o bacilo-álcool-ácido-resistente, responsável pela ressurgente tísica, é referido simplesmente como b.K. (bacilo de Koch) ou b.a.a.r. e, pior, pronunciado como bar! Bar?! Pela colateralidade ao álcool?!... Reduções?!... do Nobel 1905?! Qual! Dentro do seu minúsculo laboratório, ficaria deslumbrado com as conquistas da modernidade: métodos sofisticados de diagnóstico laboratorial, bioengenharia, variedades de microbactérias, disponibilidade de antimicrobianos, vigilância epidemiológica!...

Mas *cairia duro* — perplexo — diante do ressurgimento espetaculoso da peste branca, do abandono do tratamento, da resistência bacteriana e da comorbidade Aids-tuberculose.

Apesar do entusiasmo da alemãzinha, em recente avaliação sobre o Ensino Médico, nenhum curso obteve a nota máxima (*Estatão* 21/11, Notas & Informações). Não por carência de siglas e abreviaturas que o Ensino Médico deixa de atingir a excelência: DPOC (Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica); DST (Doença Sexualmente Transmissível); ICC (Insuficiência Cardíaca Congestiva); Pbmicose (*pébémicose*, como é falado) causada pelo fungo *Paracoccidioides brasiliensis*... Para avaliação de instituições de ensino, sejam públicas, privadas ou confessionais, listam-se: Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais); Enade (Exame Nacional de Desempenho de Estudantes); IES (Instituição de Ensino Superior); CPC (Conceito Preliminar de Cursos); Sinaes (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior); Conaes (Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior); Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Arsenal!!! (Não... não se trata de sigla).

Conclusão

A universidade pública deve submeter-se à autocrítica periódica e desfazer o desequilíbrio do ensino de graduação com o de pós-graduação, valorizando, sobretudo, o professor que transmite a experiência. A busca da qualidade requer a presença do mestre que contata, dia a dia, com o aluno. Docente, simplesmente, é o aluno de idade mais avançada, em nada semelhante ao mito da Medicina tudesca, *Götter in Weis*, deus em branco. De parte do aluno, participação! E fortalecimento, sempre, da Disciplina de História da Medicina.

Arary da Cruz Tiriba

Professor titular (aposentado, em atuação voluntária) da EPM/Unifesp e membro emérito da Academia de Medicina de São Paulo